

Subversão geral

Liberdade para misterioso casal de Brasília

Causou espanto — alguns vizinhos chegaram a se mudar do bairro — a libertação, na terça-feira passada, em Brasília, do casal Nei Mohn e Alzira Regina Daudt, acusados de maltratarem e manterem em cárcere privado três crianças que viviam com eles na cidade-satélite de Sobradinho. Ao serem presos, na sexta-feira anterior, os dois mobilizaram praticamente quase todos os órgãos de polícia e segurança da capital federal, pois foi encontrado na residência o que em outras épocas convencionou-se chamar de “farto material subversivo”, configurando-se a existência de um legítimo “aparelho”, além do cárcere privado de menores.

De fato, em meio a pequenas montanhas de lixo que o casal tinha o hábito de guardar em casa, os policiais, chamados por denúncias de vizinhos a respeito da situação das crianças, encontraram um enorme arquivo de nomes de estudantes e políticos já mortos, assassinados ou desaparecidos; mapas do Distrito Federal com “pontos” assinalados; pastas com documentos governamentais, tendo na capa etiqueta dizendo que foram “adquiridos por meios escusos”; centenas de cédulas de dinheiro; um revólver calibre 38, três tevês e mantimentos suficientes para ali-

mentar cinco pessoas durante, no mínimo, um ano. Diante de tal achado, visitaram a casa de Mohn representantes do DOPS, da Polícia Federal, do Exército, da PM e da polícia civil.

CHEQUE DO CENIMAR — O achado mais intrigante, contudo, foi um velho contracheque com o nome de Mohn, emitido pelo Centro de Informações da Marinha (Cenimar). Não houve resistência à prisão e Mohn identificou-se aos policiais como “agente secreto do Exército”. Na verdade, ele é conhecido há muitos anos em Brasília por sua militância em movimentos de extrema direita. “Radical anticomunista, inteligência privilegiada, porém louco”, segundo o próprio pai, o general reformado Otto Mohn, ele foi presidente da Juventude Nacionalista Anticomunista, chamada de Juventude Nazista nos meios universitários, nos idos de 1968.

Mohn também era conhecido pela crueldade com que tratava os filhos. Um deles, de seu primeiro casamento com Maria Joana Daudt, irmã de Alzira, sua atual mulher, submeteu-se a quatro operações no cérebro para curar um forte hematoma — consequência de pancadas aplicadas pelo pai. As três crianças que viviam com o casal, filhas do primeiro casamento de Alzira, foram enviadas para a casa da avó, no Rio Grande do Sul, após a prisão dos dois. Por que foram soltos e não houve processo, ninguém sabe. A polícia diz laconicamente que “não temos nada com o caso”.



Mohn, solto: alegava ser um agente secreto